

A ILLUSTRAÇÃO

REVISTA QUINZENAL PARA PORTUGAL E BRAZIL

RIO DE JANEIRO

GAZETA DE NOTÍCIAS, 7a, R. da OneMor.
Assinatura

ANNO (GÓTICA)

SEQUESTRO

ANNO (operações) VINGAS.

ANNO

12.000

0.000

4.000

200

1º Anno. — Volume 1. — Número 1.

PARIS 20 DE JUNHO DE 1884

Director : MACHADO PENA, 6, R. de S. Sebastião,

LISBOA

Davin Giacozzi, 2a, R. da Atalaya.

Assinatura

ANNO

SEQUESTRO

TIROKINETIC

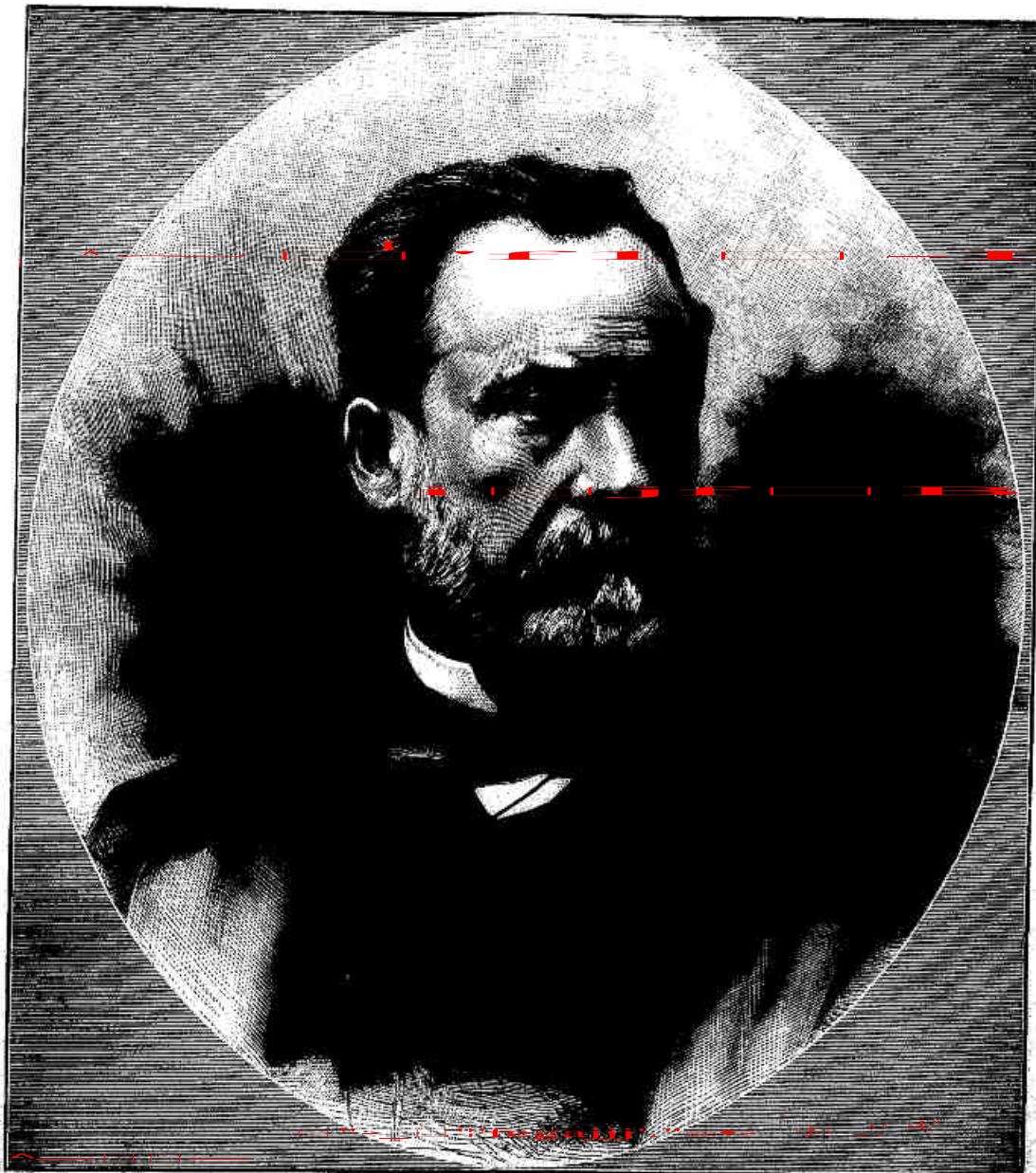
AVULSO

2.400

1.300

600

100



O ILUSTRE CHÍMICO PASTEUR

ESTAMPA

AOS NOSSOS LEITORES

A ILLUSTRAÇÃO acaba de instalar os seus escriptorios na rue de Saint-Petersbourg, 6, no grande prédio que forma a esquina da place de l'Europe, em pleno centro de Paris, a dois passos das grandes boulevards.

Com a instalação dos actuais escriptorios a **ILLUSTRAÇÃO** proporciona a todos os seus leitores

UMA AGENCIA GRATUITA

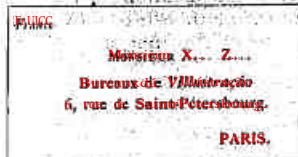
para quaisquer negócios que elas desejem realizar em Paris, ou seja compra de livros, ou outros quaisquer artigos — ou sejam simples informações.

Qualquer leitor da **ILLUSTRAÇÃO** pode-nos fazer as perguntas que quiser sobre preços de artigos parisienses, que a todos responderemos por intermédio do jornal assim como nos encarregamos da compra de qualquer artigo e de o expedir pelo correio ou pelos paquetes do Havre ou de Bordeaux, sem por esse motivo recebermos a mínima comissão.

Desejam, por exemplo, um livro que acaba de publicar-se em Paris como a *Sapho*, romance de Daudet, e cujo preço é de 3 francos e 50 centimos. Manda-se à **ILLUSTRAÇÃO** um vale de correio, de 4 francos (50 centimos para o porte) e recebe-se o livro na volta do correio tendo-as pago o franco apenas pelo justo cambio, e não pelo preço exorbitante que os livrarias costumam exigir.

AOS QUE VIAJAM

Todos os nossos leitores em viagem pela Europa e que desejam recorrer as suas correspondências emigrar, não tem mais que fazel-as dirigir aos nossos escriptorios, da seguinte forma:



Todas as cartas, jornais, ou encomendas postais serão guardadas e sómente entregues ao destinatário, evitando-lhes assim todos os encomendados e todas as dificuldades que se apresentam na poça restante de Paris, ou todos os extravios que se dão pelos hotéis.

Todo e qualquer leitor da **ILLUSTRAÇÃO** que se acha em Paris encontra nos nossos escriptorios, das duas as cinco horas da tarde, jornais portugueses e brasileiros, e ser-lhesão dadas todas as indicações que desejam sobre Paris, tais como: recomendações de hotéis, de estabelecimentos públicos, de theatres, de casas de comércio, etc., etc.

Finalmente: A **ILLUSTRAÇÃO** faz dos seus escriptorios em Paris um grande centro de comunicações com todos os seus leitores de Portugal e do Brasil — e tudo isto

GRATUITAMENTE!

SUMMARY

Texto: *Chronica*, por Mariano Pina. — *As nossas gravuras*: Pasteur; Meissonier; *A caminho de Longchamps*; A Kermesse; Jean Richépin. — *Sainte Regine* (santuário); por Lutz Guimardes. — *As Blasphemias*, por Jayne de Sóller. — *A Kermesse*, por Flávio d'Almada. — *Bibliographia*, por Figaro. — *Theatros*, por J. Miranda.

Gravuras: O ilustre chimico Pasteur. — O pintor Meissonier. — O « Grand-Brix » do Paris. — *A Caminho de Longchamps*. — A Kermesse de Lisboa, desenho original de Raphael Bordallo Pinheiro. — O pintor Richépin. — Pasteur no seu laboratorio. — As experiencias de Pasteur sobre a hydrophobia, desenhos de Renouard.

CHRONICA

— Vieram quatro horas da tarde. Todo um lado do boulevard estava cheio de sol, (esse sol tepido e pallido tão próprio das primaveras do Norte).

Paris tinha o ar feliz e contente d'um passaro que havia fustigado pela chuva e que pode, por um momento, espanjar-se à vontade sob a protecção d'um azul macio e delicado, onde não passa sequer um farriquito de náufrago branca. —

Era o dia e era a hora do Bosque. Por que não sei se os srs. sabem, que esta causa que se chama o *Bois de Boulogne* tambem tem o seu dia — a sexta-feira — como o Theatre Francais — a terça-feira.

E também tem a sua hora — as quatro — como o absymto de Paris tambem tem a sua — as cinco da tarde.

— A simples vista desarmada e inocente o Bosque de Bolonha tem inteiramente o aspecto d'um bosque — mas d'um bosque filho d'uma civilisação requintada e doentia. Nada d'aquelle aspecto selvagem das florestas que nós vemos desenhadas nos livros de Jules Verne, nos livros dos exploradores africanos. É um bosque perfeitamente escovado e penteado, havendo entre elle e os outros bosques do universo a mesma diferença que existe entre um lavrador do Minho e um gomoso parisiense.

E um bosque com ruas expressamente feitas para cavaleiros, outras para carros, outras para peões.

É um bosque que permite às mundanias descerem dos seus couple e dos seus lances e passearem uma hora em todas as direcções, sem uma só pedra ter magoado a sola fina e delicada d'um sapato de verniz ou d'um sapato de setim...

Velhas aristocratas rabinjeras, grandes caras d'algodão, tecem posto no olho da rua muiva criada por que em seus palacetes o verniz dos portões é mais aspero do que os macadams do *Bois*...

E não ha tapete do Oriente, nem veludo de Utrecht que possam concorrer com os taboleiros d'esta relva d'um verde que parece misturado com ouro, ou com a liso *pelouse* do hippodromo de Longchamps...

— Conhecido mais intimamente — o Bosque é um precipício!

No dia em que bem se respire aquele ar, em que bem se conheçam aquellas acacias, em que bem se saboreie o vermouth da grande cascata ou o bitter do pavilhão chi-

nez — no dia em que um pobre diabo se tenha apropriado bem áquelle meio, áquelas ruas onde rolam aquellas carruagens e onde se ostentam aquellas mulheres — n'esse dia se um homem se sentir atacado do mal do Bosque e se não tiver pelo menos 10,000 francos por mez, corra imediatamente a uma loja d'armas, compre um revolver, e metta quanto antes um bocadinho de chumbo no cofre dos miolos — por que é homem morto...

— O abismo parisiense não está nem nas cocotes, nem nos caffés, nem nos restaurantes, nem nos theatros. O Bosque é o grande abismo, o grande turbilhão. No dia em que elle tiver desaparecido — Paris passará a ser uma cidade mais religiosa que a religiosa Braga, e o *Eden* passará ao estado de templo de moral e de bons costumes, casa de virtude para educação d'infantes.

Por que o estrangeiro chega a Paris e o seu primeiro cuidado é ir ver o Bosque.

... São 4 horas. As ruínas estendem-se ao longo do *Grand-Hôtel* e ao longo do *Café de la Paix*. Quando um homem se senta numa remise e o cavalo parte ao longo do boulevard em direcção à praça da Concordia — um homem sente-se feliz, palava d'honra que se sente feliz... e até acha barato 25 francos que lhe pediram pelo aluguer do carro.

E o carro sobe ligeiro pelos Campos Elyseos... e o ar do Bosque provoca sorrisos — sorrisos, sim! — sorri-se a gente sem saber porque mas a verdade é que se sorri...

Depois ha umas cabecinhas louras que se vêem enterradas em velludos e setins de couples que passam ao nosso lado...

... Ha caniches cór de sépia, de orelha arrebitada e focinho agudo, que nos olham pelas portinholas dos carros com olhares acessos de týsico...

... Harapartigas de deserto annos, olhos rasgados a biste e beiços da cór das cerejas, que passam guiando *phaetons*, tendo sentado a esquerda um *groom* inglez, ruivo como o ouro do Porto, de braços cruzados, fato azul com botões de prata, uma rosa escarlate na abotoadura, tésos, secos, imperturbáveis.

Nas ruas para cavaleiros trotam as amazónias de longas saias pretas, os bustos admiravelmente cuidados, sobre a ondulação dos seios um botão aberto de rosa-cha ou um molhinho de cravos cór de palha; e pelas curvas das estradas, por entre troncos d'árvores, perdem-se, palpita, sonrem, batem azas, os veus azuis e verdes dos chapéus de copa alta...

E todo um mundo de homens felizes e de mulheres deliciosas rola sem cuidados pela famosa avenida das Accacias, sem a minima noção de que seja o trabalho, a lucta por este trapo da existencia, comprehendendo apenas a vida como um pretexto para se gastarem massos de notas com bons cavalos, com bons carros, com bons palacetes, com bons cosinheiros e com bons charutos...

— E é então que este abysmosito abre as gueiras. É então que o estrangeiro se esquece de tudo, para ser apenas Bosque. É então que se perde a noção do dinheiro e que de toda a parte nos saltam meios facéis e ideias promptas para se gastar o que é nosso e se gastar o que não nos pertence.

É engraçado que nós vemos desfilar na nossa frente a triunfal caravana das despezas sem fim, que em menos de traz meses levam um homem à ruína... depois ao jogo... e depois ao suicídio — a esta covardia com arres de coragem, que consiste em pegar num revolver e desenganchá-lo quando o cano está contado ao ouvido...

— O Bosque! O Bosque!

Aí leva um chronicão o mais cruel dos desvios, o mais cruel dos erros...

Sim... por que eu não tinha a mínima tentação de lhes falar do Bosque de Bolonha e de seus terríveis e perniciosos efeitos em corpos de estrangeiros.

O que eu lhes queria dizer no começo d'esta chronicão que eram quattro horas da tarde, que havia sol, que Paris tinha o ar feliz e contente d'um passaro, etc., etc... (que os ses, já leram mais acima...) — quando deparei com um amigo que todos nós conhecemos, que todos nós estimamos, que todos nós admiramos como se fosse um ídolo...

O que eu lhes queria dizer é que desci com esse amigo pela rua da Paz, estu rua onde se expoem em tronhos de veludo carmezim as mais belas joias do mundo; e que atravessámos a Praça Vendôme olhando saudosamente para as janelas do appartement onde antigamente morou este Brummel de sangue português, que o mundo da galanteria parisiense admirava sob o nome de Magellan — e que Lisboa odiava sob os nomes de Condeixa e Collaco...

O que eu lhes queria dizer, enfim! é que tinha entrado com este meu amigo no Hotel Continental. Ele tomou uma chaminé de leite morno que o medico lhe prescrevera para bem do seu estomago há dois mezes ainda nevrótico; depois subimos ao seu quarto, onde estava adormecido a um canto a sua grande mal de couro, profundamente ingleza e profundamente forte; abri-o-a, cem vez de camisim como é naturalissimo na malha de quem viaja — sabem o que elle tirou lá de dentro, e me deixou ver em todo o brilhantismo da cõr e em todo o brilhantismo da luz?...

Um passeio a Cintra, ao longo da estrada dos Sítios, entre gritos d'aves que brincam pelas ramiadas dos plátanos e canções de regatos que se perdem pelas encostas dos montes.

— Era de Eça de Queiroz e do seu novo romance Os Maias — de que elle me leu dois magníficos capítulos — que eu lhes queria falar.

Mas o Bosque absorveu-me de tal modo que só proximo numero lhes falará d'esta magnífica leitura, d'esta voz convulsa e febril que eu ainda sinto falar-me aos ouvidos, dando todas as inflexões do dialogo e todas as nuances do estylo.

E o Bosque é em Paris o grande acontecimento da semana. Tivemos no domingo o Grand-Prix onde saiu vitorioso um cavalo francês, Little-Duck, propriedade do duque de Castries.

Que entusiasmo! que alegria! que loucura! As corridas de cavalos estão sendo o grande divertimento parisiense, e tão populares se tornam que d'aqui a pouco Paris será a terra dos cavalos, como Madrid é a terra dos touros.

São Medard — de cuja lenda nos démos espirituosos e encantadores gravuras no ultimo numero da *Illustração* — faleceu das suas.

Chuva, chuva, e mais chuva! Parecia um dia de dezembro... Ora como o Grand-Prix é o dia solemne para os *inatelés* de verão, imaginem o furor das parisianas! Mas ninguém faltou ao rendez-vous. As tribunas cheias e a *pelouse* coberta de carruagens. Toilettes encantadoras, sendo especialmente preferidas as rendas, as rendas brancas, cõr de leite ou um quasi náutico cõr de creme, deixando admirar todas as formas e dando as louros um ar adorável de frescura e de mocidade.

Mas São Medard era implacável — por que era exactamente o seu dia, 8 de junho. Chuva, chuva e sempre chuva...

Mas quando se aproximou a cornuda do Grand-Prix, quando se tratou de saber se era a França ou a Inglaterra que sahia vencedora — São Medard, n'um nobre arranço de patriota, deixou que o sol aparecesse quando os cavalos partiram à conquista dos 100,000 francos.

— Que alegria! Porque não sei se sabem que os franceses tomam isto muito a sério. Parece que andu envolvidos na história a dignidade do bandeira tricolor. E quando vêem o Presidente na tribuna, não o encaram como o bom sr. Grévy que vai ali para se divertir, — mas como o chefe do estado que vai presidir a uma questão de honra nacional!...

Que alegria quando os cavalos partem! Seremos batidos pelos ingleses?... Seremos batidos pelos americanos?

Mas não... não havemos de ser batidos! É um cavalo francês que vai na frente! São as cõres do duque de Castries! É Little-Duck que vai sair vencedor...

Todos se estendem, todos se curvam, para melhor descobrir na volta o cavalo que vem na frente. Um minuto que vale um seculo! Apparece a cabeça do cavalo, apparece o jockey...
... E Little-Duck! Hurrah por Little-Duck! Hurrah pelo duque de Castries! Viva a França! E entoa-se a Marselha!

E todos correm para a pista; e todos acclamam cavalo e cavalleiro; e é verdadeiramente original ver esta onda de vinte mil pessoas, homens e mulheres, saudando o quadrupede vencedor — como se a pátria estivesse em perigo e o inimigo batesse às portas de Paris.

Depois do que São Medard recomenhou a sua tarefa, e foi sob uma chuva torrencial que Paris, voltou para Paris, para beber uma taça de champagne à saudade glorioso campeão das cavalgadas francesas!

MARQUES PIVA.

Recommendamos aos nossos leitores o 5º numero da ILLUSTRAÇÃO onde deve aparecer o retrato de

ALPHONSE DAUDET

o celebre romancista francês autor do novo romance SAPKO que em França tem tido um extraordinário éxito — assim como o retrato de S. Ex.^o o ar.

BARÃO D'ARINOS

o novo ministro do Brasil em Paris, acompanhado dum artigo sobre o illustre diplomata deputado à pena do distinto escriptor brasileiro sr. Sant'Anna Nery.

AS NOSSAS GRAVURAS

PASTEUR

Pasteur é o grande heróico actualidade, seu nome continua a ser de todas as nações do mundo a mais bello e a mais respeitável pelos seus grandes trabalhos d'espirito.

Os outros grandes países da Europa vão adquirindo a sua importância — ou com a insolência e o despotismo dos seus canhões, ou com o poder mercantil do seu ouro que não compra só fazendas... comprando também consciências. Só a França se conserva no seu equilíbrio moral, adquirindo o grande renome ou com as obras dos seus artistas ou com os trabalhos dos seus homens de ciencia.

Foi com grande sentimento que a *Illustração* teve de noticiar a morte de dois chimicos illustres — Dumas e Wurtz — apresentando os seus rostos taquidos de prata. Felizmente que ainda resta Pasteur, e hoje que elle acaba de descobrir a maneira de combater a hydrophobia — é com um vivo prazer que nos publicamos o seu recente devido ao busto do nosso eminentíssimo colaborador Ch. Baude.

Em maio findo Pasteur apresentou à Academia francesa, de colaborando com os srs. Chamberland e Roux, um curioso relatorio sobre a hydrophobia. As suas experiencias consistem em adquirir com o vírus rabio successivamente inoculado em vários coelhos, em vários macacos e em vários cães um vírus refractário com que se vacinam os animais para os preverem da hydrophobia, como se procede com as creangas para as preservar da varíola. Um cão vacinado por Pasteur resiste a todas as mordeduras de cães daninhos, sem sofrer a menor alteração, mesmo quando o vírus seja mortal.

Diz o illustre chimico no seu relatorio:

As primeiras experiencias são muito favoráveis, mas é necessário multiplicar as provas em diversas espécies de animais, antes que a terapêutica humana tenha a coragem de tentar sobre o homem esta prophylaxia.

Comprehenderão que, não obstante a confiança que me inspiram as numerosas experiencias que faço ha quatro annos, não é sem alguns receios que publico hoje factos que só tendem a uma prophylaxia possível da hydrophobia.

É para obdecer a certos escrupulos que tomei a liberdade de escrever ha dias a M. Fallières, ministro da instrução publica, pedindo-lhe para nomear uma comissão a qual hei-de submeter os meus cães refractários à hydrophobia.

A experiência principal que tentarei primeiramente, ha-de consistir em pegar em 20 dos meus cães refractários à hydrophobia e colocalos ao lado de 20 cães que não estão vacinados. Estes 20 cães hão-de ser mordidos por cães daninhos. Se os factos que aponto são exactos, os 20 cães considerados por mim como refractários hão-de resistir todos, em quanto que os outros 20 hão-de ser atacados de mal.

Uma segunda experiência não menos decisiva, será feita com 40 cães, sendo 20 vacinados na presença da comissão e 20 não vacinados. Os 40 cães hão-de ser em seguida trepanados com o vírus dum cão daninhal. Os 20 cães vacinados hão-de resistir todos, ou de hydrophobia paralytica, ou de hydrophobia furiosa.

Eis a que se propõe o illustre chimico os seus trabalhos sobre hydrophobia estão ignorando alvo das maiores intenções dos homens da ciencia de Inglaterra, da Alemanha e da Italia.





O GRAND-PRIX DE PARIS — A caminho de Longchamp.

Em 8 de dezembro de 1881 a Academia francesa, a academia dos *immortals*, elegeu Pasteur para uma cadeira vaga pela morte de Duvergne. Pasteur não precisava d'este sufragio para se immortalizar. Imortal é-o elle desde os seus primeiros passos na sciencia. Trabalhos de primeira ordem em physica molecular, solução da doutrina da geração espontânea, tratados sobre o vinho, sobre o vinagre, sobre as doenças dos bichos de séda, sobre a cerveja, teoria dos germens nas doenças contagiosas que revolucionaram dia a dia a medicina e a cirurgia, descoberta do virus-vaccinico contra o cholera, etc., etc.

E enfim, Pasteur, de quem hoje damos o retrato, uma glória da França do século xix; entre os homens de sciencia do nosso tempo é um dos mais notáveis; e de todos os homens d'este século é um dos que mais devemos respeitar pois que de todos os seus trabalhos quem mais aproveita e quem mais ganha é a humankindade.

Só estes os verdadeiros heroes — mas nem por isso são estes os mais aclamados pela multidão. Não tem diante de si nem tambores para rufarem a sua victoria, nem canhões para apregoar a insolência do seu despotismo. E muitas vezes um general impertinente é aclamado com delírio pelas massas; enquanto que um illustre homem de sciencia passa, sem ninguém o conhecer, sem ninguém lhe tirar o chapéu...

A curiosa gravura que damos na pagina 60 da *Ilustração* representa o ilustre chimico no sub-solo do seu laboratorio da Escola Normal, entre as gaiolas dos coelhos submetidos às experiências de inoculação do virus rabico e da trepanação. Foi aqui, entre estes animaes que elle fez a sua grande descoberta contra a hydrophobia. Muitas vezes durante o dia ali desceu para tomar nota do estado de todos os seus trepanados e vacinados, por que o chimico tanto inocula o virus nos coelhos como nos cães, à superficie do cerebro, conservando os animaes na cabeça os traços da incisão.

O coelho é um animal excessivamente pacífico. N'elle a hydrophobia não actua como nos cães; não morde; a paralysia vem dias depois da inoculação; e em geral são as pernas a primeira parte do corpo que a paralysia ataca. Quando Pasteur tem duvidas sobre a eficácia do virus, manda pôr o coelho no chão; se o virus ainda não actuou, o coelho foge rapidamente e é necessário correr para o agarrar; no caso contrario marcha com dificuldade. Apoiado sobre as mãos, tal como o representa a nossa gravura da pagina 61, mal se pode mover tão completa paralysia das pernas. A morte chega pouco depois; os olhos do animal tornam-se vitreos; deixa cair cabeça para o lado; respira algumas horas n'esta posição — e morre. Levam-n'lo depois para o laboratorio onde os seus órgãos passam a ser objecto do estudo o mais cuidado e o mais profundo.

Uma outra parte do sub-solo é ocupado pelas gaiolas onde estão os cães que também são sujeitos às experiências. É um destes cães, no paroxismo da hydrophobia, que Pasteur mostrava ao desenhador da *Ilustração* disendo-lhe: « Morre amanhã. O animal fitava-o, o corpo contrahido, a cauda caída, a boca espumante, querendo morder. Nem todos os cães são atacados de hydrophobia furiosa; alguns morrem de hydrophobia paralytica; os quatro tipos que se vêem na nossa pagina 61 estão n'este caso; o seu fim é calmo e o guarda pôde afogá-lo sem receio.

Contam-se aos centos os animaes que tecem sido sacrificados no estudo da hydrophobia e seus modos de a combater.

O terceiro desenho da pagina 61 representa o apparelho onde se coloca o cão quando se lhe vai inocular o virus na superficie do cerebro. O animal, com os membros presos a uma zelle

de laboratorio, o focinho mettido num recipiente cheio de chloroformio, vae ser submetido à trepanação. Uma operação muito simples, diz Pasteur, e que, graças às precauções tomadas, não causa o menor sofrimento aos animaes. O cão adormece sob a influencia do chloroformio e não resiste ao operador. Faz-se uma incisão na pele sobre a cabeça; trepanam-o e inoculam-lhe por meio d'uma pequena seringa de cristal, de bico recurvo e aguçado, uma gotta do virus extraido d'um animal que morreu damnado.

Os curiosos desenhos que a *Ilustração* oferece aos seus leitores são devidos ao lapis de Renouard, o notável colaborador da *Illustration de Paris*, — unico artista a quem o sr. Pasteur proporcionou a occasião de visitar o seu laboratorio e tomar notas para comunicar aos jornaes.

Foi o proprio sr. Renouard que amavelmente cedeu à *Ilustração* portugueza aquelles desenhos, merecendo-lhe o nosso jornal phrases da mais viva sympathia pela sua execução artística.

MEISSONIER

PARIS resolveu celebrar o cincocentenario artístico do grande pintor Meissonier, organizando uma completa exposição das suas obras, desde a primeira tela que elle pintou em 1824 até á ultima que elle concluiu em 1884. É essa exposição que hoje está chamando enorme concorrência á galeria de Georges Petit, situada na rue de Séze.

Quando se trata de glorificar não se pensa em críticas, e é por isso que hoje se vê toda a imprensa francesa considerar como um genio o pintor de quem damos o retrato finamente desenhado por Liphart, e considerar como obras primas todas as telas expostas.

Meissonier é na verdade um grande pintor, mas d'aqui a ser um genio o caminho a percorrer ainda é grande — e dir-se-ia que a França artística está com fome de celebridades para *épater* o mundo, se todos nós soubessemos que são franceses e bem franceses os artistas celebres que se chamam Corot, Courbet, Rousseau e sobretudo Millet.

Ha também uma razão que obriga Paris a apregar Meissonier por toda a parte. Nós devemos declarar-a por que não obdecemos a influencia de orgulho nacional. Essa razão é o extraordinario vulto que tem tomado o nome de Fortuny, do pobre artista hspanhol que tão novo morreu, e que estava destinado a eclipsar Meissonier n'aqueillo que é a sua gloria — na prodigiosa execução e delicadeza do desenho e na sua sciencia de colorir.

Meissonier é um artista notável. Os seus quadros tecem um acabamento prodigioso; o seu desenho é levado ao ultimo exagero da perfeição, advinhando-se quasi uma paciencia de chinês; o seu colorido é deveras brillante e justo. Mas de que consta a sua obra de cincocentos annos? D'um homem que lê sentado a uma meza; d'um homem que lê, sentado n'uma cadeira no meio da casa; d'um homem que lê, de pé, proximo d'uma janella; d'um homem que lê sentado à borda d'uma meza; d'um homem que escreve uma carta; d'um homem que está a pensar antes de escrever uma carta; d'um homem que bebe um copo de vinho; d'um homem que se dispõe a beber um copo de vinho; d'um homem que vai a cavalo ao longo d'uma estrada; d'um general a frente d'um troço de soldados; e sempre o mesmo assumpto; e sempre a mesma figura; e sempre a mesma meza; e sempre a mesma janella; e sempre os mesmos fatos; sempre o mesmo — o mesmíssimo assumpto...

Execução admirável... Colorido brillante. Mas onde estão as telas de vasta composição, onde um artista deixa correr a vontade o seu espírito, o seu coração, a sua alma? Onde ha uma tela que valha uma d'estas poeticas payza-

gens de Corot? Uma tela de folego como as *Côrseas* ou a *Enterro d'Ornans de Courbet*? Uma tela profundamente poetica como o redil ou como o *Angelus* de Millet? Uma tela elegante e espirituosa d'uma extraordinaria exactidão de desenho e de colorido como a *Escolha do Modelo* de Fortuny?

Meissonier adquiriu sobretudo a celebridade pelo preço que atingiram os seus quadros. Quando o príncipe Alberto, o falecido marido da rainha Victoria, veio a Paris a convite de Napoleão III para assistir á Exposição Universal, o imperador apresentou-lhe e recommendou-lhe particularmente o artista a quem o príncipe comprou um quadro por 36 contos de reis francos.

De então para cá Meissonier passou a ser o pintor dos millionarios.

Comprar uma tela de Meissonier não significa aprimorado gosto artístico, não significa amor pela arte. Comprar uma tela de Meissonier é fazer constar á humanidade que se tem muito dinheiro; é ver o seu nome impresso no catalogo dos grandes collectionadores da Europa e da America; é deixar perceber ao mundo que no orçamento das despesas de luxo se encontra uma verba de 300,000 francos para uma tela de um palmo quadrado, encomendada ao artista que mais caro se faz pagar em França.

E no entretanto a gloria artística da França não vem da obra de Meissonier; não foi Meissonier que aumentou a reputação de que hoje gosa a arte francesa no século xix. Se a França é hoje o primeiro paiz do mundo em arte, deve-o aos seus paisagistas como Corot, Courbet, Rousseau, Daubigny, Diaz; aos seus animalistas como Troyon; aos grandes artistas que se chamam Carpesa, Millet, Thomas Couture, etc., etc.

O pintor Meissonier é evidentemente um artista de primeira ordem; mas não é a sua obra que faz a reputação d'um paiz raça, não é a sua obra que faz a gloria d'um paiz. Se Meissonier não tivesse existido nem por isso a França deixava de ser celebre nem notável. Meissonier é uma grande personalidade; mas em nada altera nem no progresso nem na decadencia artística de qualquer nação. Ela é muito *elle* para ser a expressão d'uma arte nacional.

Em todo o caso artista superior, cujo retrato nos hoje damos com prazer, para commemorar o cincocentenario artístico d'um pintor diante do qual todos se devem descobrir, respeitosamente.

A CAMINHO DE LONGCHAMPS...

ASCENA é bem conhecida e a gravura é encantadora, d'um grande arrojo e d'uma grande felicidade de desenho.

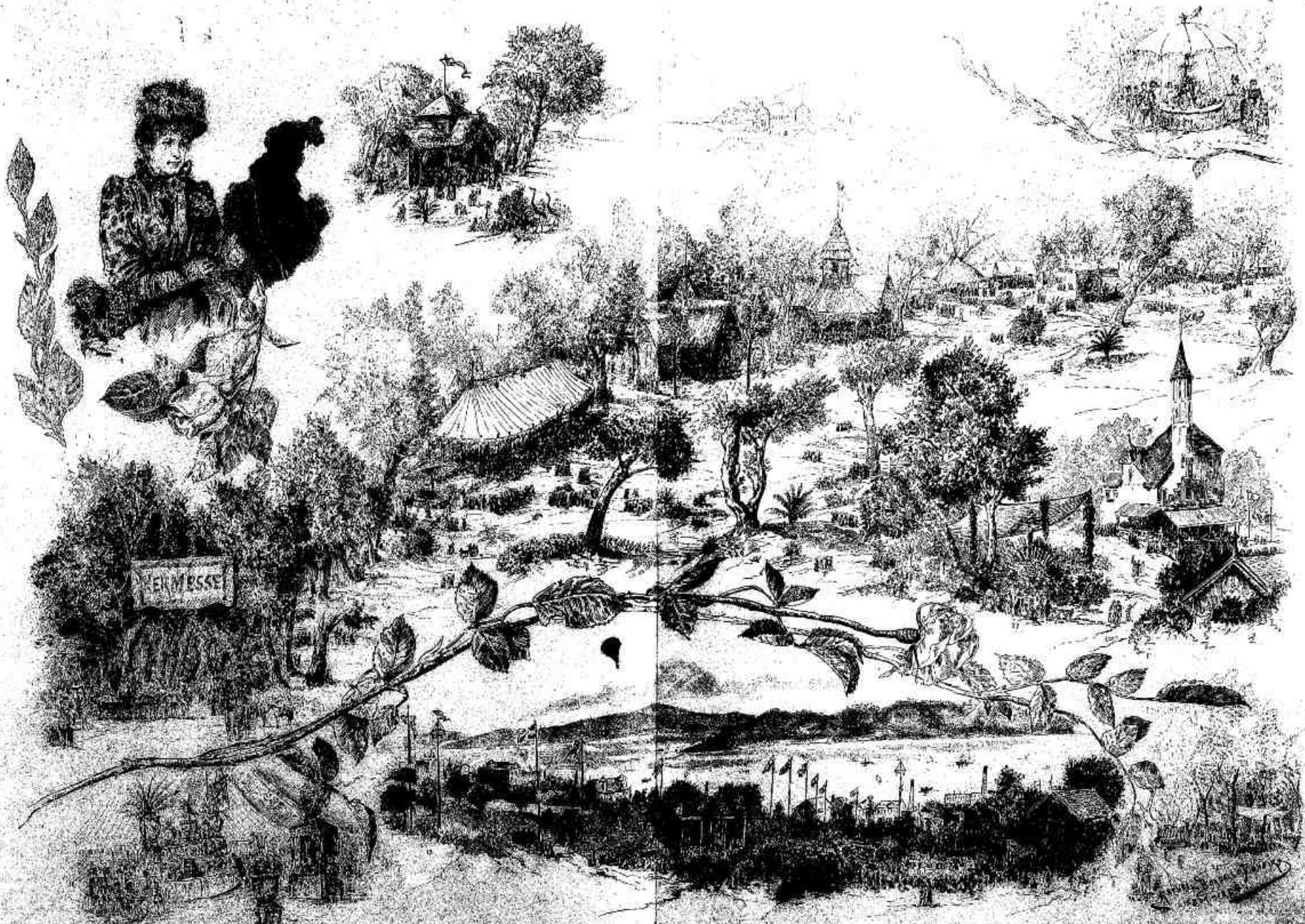
O mail-coach desfila pelas largas avenidas do Bosque de Bolonha, governado por um sportman vestido com o maior rigor da moda ingleza. Vae a largo trotar, arrastando um grande ar de gloria e de pompa.

Quando o mail passa sob as acacias em flor, os cavaleiros volham-se para o admirar, e admirar também o perfil agradável das gentis senhoras que condiz.

D'aqui a meia hora, depois de atravessar todo o Bosque, acha-se na grande esplanada de Longchamps, rolando sobre a pelouse de velludo, onde morrem todos os ruidos, e onde Paris inteiro espera o momento solemne da corrida do *Grand-Prize*.

E esse momento chega por fim... dá-se o signal da partida... os cavalos lançam-se a todo o galope... ha milhares de binoculos que os acompanham na carreira vertiginosa... um minuto depois: toda aquella multidão grita *hurrah! hurrah!* pelo vencedor. E os cavalos têm movido milhões de francos em apostas.

Depois o nosso mail-coach volta de novo pelas lindas avenidas do Bosque: torna a Arco do Triunfo á hora em que o sol tomba ensanguentado para as bandas do occidente;



Exposiciones y Fiestas — 1. Exposición de la Escuela de Madrid. — 2. Pabellón de la Exposición. — 3. Recreio das meninas portuguesas. — 4. Pabellón de la Exposición. — 5. Exposición de la Escuela de Madrid. — 6. Exposición de la Escuela de Madrid. — 7. Exposición de la Escuela de Madrid. — 8. Exposición de la Escuela de Madrid. — 9. Exposición de la Escuela de Madrid. — 10. Exposición de la Escuela de Madrid. — 11. Exposición de la Escuela de Madrid. — 12. Exposición de la Escuela de Madrid. — 13. Exposición de la Escuela de Madrid. — 14. Exposición de la Escuela de Madrid. — 15. Exposición de la Escuela de Madrid. — 16. Exposición de la Escuela de Madrid. — 17. Exposición de la Escuela de Madrid. — 18. Exposición de la Escuela de Madrid. — 19. Exposición de la Escuela de Madrid. — 20. Exposición de la Escuela de Madrid. — 21. Exposición de la Escuela de Madrid. — 22. Exposición de la Escuela de Madrid. — 23. Exposición de la Escuela de Madrid. — 24. Exposición de la Escuela de Madrid. — 25. Exposición de la Escuela de Madrid.

FERIA DE OTOÑO A EXPOSICIÓN DAS GRODAS PROMOVIDA POR S. M. A SR. D. MARIA PIA

desce os Campos Elyseos, onde uma onda monstruosa de carregagens rôla com um surdo rumor de oceano; e às onze da noite, antes de partir para o baile do Hippodromo, n'uma sala do Lyon d'Or ou n'um gabinete dos Ambassadeurs, o nosso sportman levanta entusiasmaticamente a sua taça de champagne para beber à saúde de Little Duck, o grande vencedor d'este anno.

É o alto Paris que se diverte!

A KERMESSE

O 4º numero da *Illustração* tem a grande honra de comemorar a festa de caridade promovida em Lisboa por Sua Magestade a srª D. Maria Pia, em benefício das creches, com um magnifico desenho devido à pena do eminentíssimo artista Raphael Bordallo Pinheiro.

E uma homenagem que prestamos á illustre senhora que tem sabido conquistar pelos seus elevados dotes de decoração a sympathia, a estima e o respeito de todos os portugueses. Entre as soberanas do Europa é a nobre filha de Victor Manuel a senhora que pode contar em torno de si com maior numero de dedicações. Portugal é infelizmente um dos paizes onde os assumptos politicos mais rapidamente tomam o aspecto de questões pessoais, descendo do nível da pura critica para baixar ás vezes ás últimas inconveniencias. No meio de todas as perturbações que possam agitar de tempos a tempos este pequeno paiz, a Rainha tem merecido sempre o respeito de todos, e todos se descobrem quando na sua frente passa a figura distinta e sympathica da esposa d'el-rei D. Luiz.

Mais adiante encontram os nossos leitores o artigo da *Kermesse* devido á pena do nosso brilhante colaborador Fialho d'Almeida; bem como a poesia oferecida a Sua Magestade pelo illustre poeta brasileiro Luiz Guimarães, poesia cuja edição se esgotou inteiramente, e que o autor nos enviou com amavel dedicatoria, destinando-a á publicidade do nosso jornal.

E que havemos de dizer de Bordallo Pinheiro? Que é com o maior orgulho que a *Illustração* conta hoje entre os seus colaboradores artisticos o nome d'um dos artistas mais originais e mais notáveis, não só de Portugal, mas da Europa.

JEAN RICHEPIN

Dos poetas modernos da França é este o que mais ruído tem feito em volta do seu nome, desde o famoso livro de versos *Chanson des gueux* até á sua recente entrada no teatro da Porte-Saint-Martin, onde representou com Sarah Bernhardt o seu drama *Nanah-Sahib*.

Jean Richepin é um poeta e um prosador de primeira plana, e na obra do artista encontra-se muita influencia de Hugo e muita influencia tambem de Jules Vallès, sobretudo quando se folheiam as chronicas que elle ha tempo escrevia no *Gil Blas* e que se acham coleccionaladas em volume. Aparte os seus exageros e as suas cruezas por vezes brutaes, não podemos deixar de considerar Richepin como um artista superior.

Damos o seu retrato no momento em que elle publica mais um volume de versos — *Blasphemias* — e no momento em que a grande actriz Sarah Bernhardt está representando no Porte-Saint-Martin a sua traducção e arranjo do *Macbeth* de Shakspeare, traducção que tem suscitado enormes reparos da critica parisense pela semicerimonia com que Richepin pegou na obra do poeta inglez retaliando-a á seu modo, e acomodando-a como melhor lhe pareceu as exigencias do teatro e de Sarah.

Os nossos leitores conhecem muito de nome

o poeta, especialmente os nossos leitores do Rio de Janeiro onde ainda ha pouco tempo se representou um seu drama *La Gita*, com o titulo de *A Mulher-visco*, traducção de Henrique Chaves, o brilhante redactor da *Gazeta de Notícias*. Apresentando hoje o seu retrato julgamos ter publicado uma curiosa gravura que ha-de ser deveras estimada, principalmente entre a nova geração literaria de Portugal e do Brazil. Mais adiante encontrará um artigo sobre os *Blasphemias*, artigo devido á pena do nosso distinto collaborador Jayme de Seguer.

O nosso jornal publicará no seu 5º numero uma gravura reproduzindo **DIOGENES**, o magnifico bronze que a srª duqueza de Palmella expôz este anno no «Salon» de Paris e que foi premiado pelo jury d'escultura.

SALVE REGINA

*So io ben ch'a vider chiuder in versi
Sue laudi, fara stanco
Chi più degna la mano a scriver porze.*

PETRARCA.

Princesa, vens da Patria irradiante
Que a um tempo concebeu — obra divina!
Tasso, Petrarca, Buonarotti, Dante,
Laura, Eleonora, o Sanzio e a Fornarina.

Symbolisa a Gloria. O Povo inclina
A fronte quando passas deslumbrante,
Com o teu fulgor de Aurora no levante
E as tuas graças lyriæas de ondina...

Mas tu és grande, oh triumphal Maria,
Por que das alvas mãos, dia por dia,
Deixas cahir a esmola e não te canças :

Como as Madonas no sendal da Gloria
Irás subindo aos terminos da Historia
N'uma nuvem de flores e creanças.

LUIZ GUIMARÃES.

Lisboa, 17 de maio de 1884.

AS BLASPHEMIAS

por

JEAN RICHEPIN

RESTE diabo que os srs. alli vêm, mo-reno e de olho atrevido, tem como se costuma dizer em França *alguma coisa no ventre*. Em menos de 2 annos sabem o que elle fez? Um grande romance semi-phantastico, um drama em 5 actos em verso, e uma serie de poemas que reuniu agora n'um grosso volume, — qualquer coisa como 6 ou 7 mil versos, todos elles brutaes, furiosos, a bufarem chamma e fumo como um morteiro que vai rebentar! Ha bem pouco tempo ainda — digo-o por minha vergonha — eu nada conhecia d'este Richepin. Ouvia falar como toda a gente na *Chanson des gueux* mas nunca a tinha lido; ha mezes por accuso cahiu-me nas mãos um drama d'elle, *Nanah-Sahib*, uma grande machina em 5 actos com tiros, derrocadas, envenenamentos, peçonhas e cobras cascavel!

Mas que versos, meus filhos, mas que versos! Fiquei pasmado! desde os *Chatiments*, que eu não lera nada similar! Aquillo brilhava, flammejava, sibilava! Imagens rutilantes como rainunculos e novas, frescas, vigorosas, ainda humidas de orvalho; estrophes d'uma harmonia celeste; alexandrinos saídos d'um só jacto, brindados, flexiveis, como láminas de Toledo! E depois que atrevimentos! Cesuras violadas brutalmente como n'um saque; rimas a rinchar de se verem juntas, como dois potros rivaes reunidos em parelha; a sintaxe tratada a polé e a cavalete; mas que vigor, que superioridade, que selva, que estro juvenil e potente! Fiquei entusiasmado, palavra de honra, e esqueci tudo, a trapalhada indecifrável d'aquele enredo pueril, as situações sem nexo, a dançarem em volta do tipo principal como um círculo de bruxas, e o romantismo cabelludo e espumante que se espolinhava em todo aquelle grosso dramalhão, para ver apenas o artista, o poeta vigorosissimo, o joalheiro admirável que lapidara os versos do combate entre o elephante e os tigres e da scena de amor entre *Nana-Sahib* e a amante.

É este poeta explendido que eu encontrei de novo n'este volume das *Blasphemias*. Unicamente d'esta vez, em vez de vir só, vem na companhia d'um philosopho muito refes.

Este volume intitula-se as *Blasphemias* e podia intitular-se as *Pragas*. A sua philosophy é simples; reduz-se a esta coisa redondinha e óca — que se chama zero. Olá, Buddha, Brahma, Osiris, Teutates, Odin, Jupiter, Jehovah, espécies de dieux! tem um bondade de se pôr na rua quanto antes! É simples como: « Passou bem? » Esta especie de philosophia é tão boa que até dispensa de ter philosophia. Nada! Nada! Nada! Zut! acabou-se! O que ha de mais curioso n'isto é a boa fé do poeta. Elle está docemente persuadido (isto transparece em trinta logares diferentes) de que derrubou alguma coisa e de que o seu livro fez ruinas. No poema intitulado a *Morte dos deuses* elle entra-me com um chicote no firmando e desata á chicotada a todos aquelles senhores que eu citei em cima. Já se sabe, pernas para que vos quer! O peor porém é que um poço — o poço do infinito, poderá! — abre-se-lhes, na frente. Catrapuz! lá vai tudo ao charco, de cabeça para baixo. E o poeta, encostado prudentemente á borda, para não cahir também, segue-os com um olhar vitorioso e em seguida voltando-se para o genero humano, exprime-se modestamente, anunciando-lhe o acontecimento:

— D'aqui por diante, irmãosinhos, podem dormir descansados. Deuses? Isso foi tempo. Agora nem raça. E quem foi que deu cabo d'elles? foi cá o menino, fui eu, foi Bibi!

Esta ingenuidade, filha da propriâ riqueza de temperamento, faz sorrir; sobretudo quando se acaba de ler o volume. Ah! não é d'estes energumenos que a egreja, que a religião tem alguma coisa a recuar. A sua propriâ violencia os torna inofensivos; o spectaculo da sua furia é muito mais pitoresco do que convincente, e a gente que se junta em volta d'elles e para os ver e não para os seguir. O simples e suo sorriso d'um matemático ou d'um chimico com mil vezes mais cruel para vos homens de crenças vivas, do que toda aquella bestaia.

Abstenham-se de analisar o volume.

levar-me-hia muito longe. E depois estou ainda quente da leitura; este diabo enfeitiça-me com a sua pyrotechnia de imagens e de tropos lúzentes; não vejo senão oiro, esmeraldas, carbunculos a flammearem deante de mim; não posso indignar-me tanto quanto sinto que o devia estar — sobretudo deante de tanta gente — pelo que há de abominável, de immoral e de absurdo na maior parte d'aquellas paginas. Vou pois dar-lhes uma ideia summaria do livro, abstendo-me de considerar como trabalho philosophico, para só o observar como uma obra de arte.

Depois d'um prologo em estrofes de doze versos (genero particularmente estimado pelo poeta), impregnado d'um spleen byroniano, depois d'um poema

intitulado *A Vida* e em que o mesmo desalento se revela em phrase que desce ás vezes até á obscenidade, — abre-se uma collecção de sonetos que o author intitula de *amargos* e que são sobretudo indecentes pela maior parte. Por muito menos do que este sr. Richepin se não envergonha alli de escrever, já elle proprio passou um mez no calabouço. Elle assim o conta na edição definitiva da *Chanson des gueux*, na poesia intitulada *Idyllo de pobres*, onde chegado a certo ponto se interrompe bruscamente com estes 2 versos :

*Ici deux gueux s'aimaient jusqu'à la pâmoison
Et cela m'a valu trente jours de prison.*

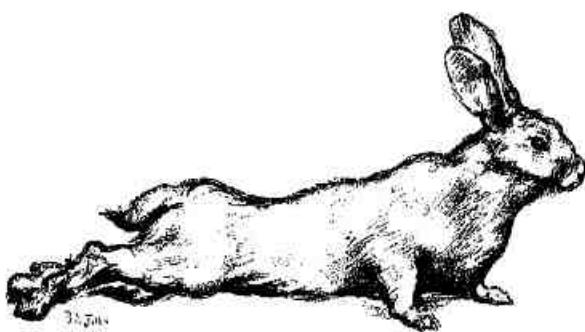
A lição porém não lhe serviu e aqui o temos mais desbragado do que nunca.



O POETA JEAN RICHEPIN



PASTEUR NO SEU LABORATORIO



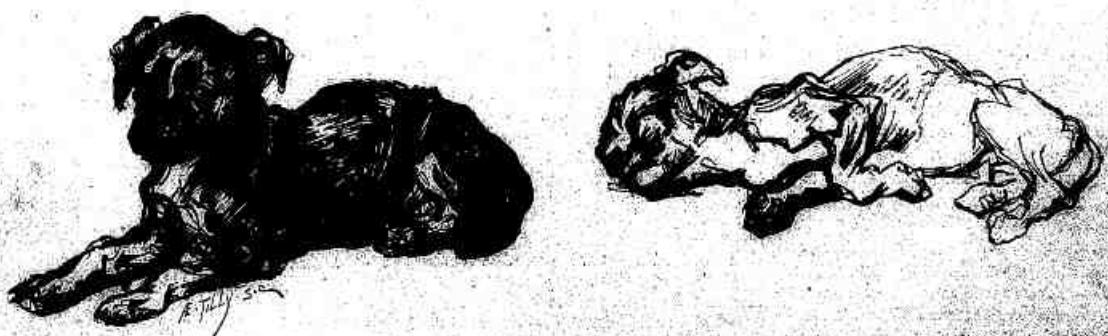
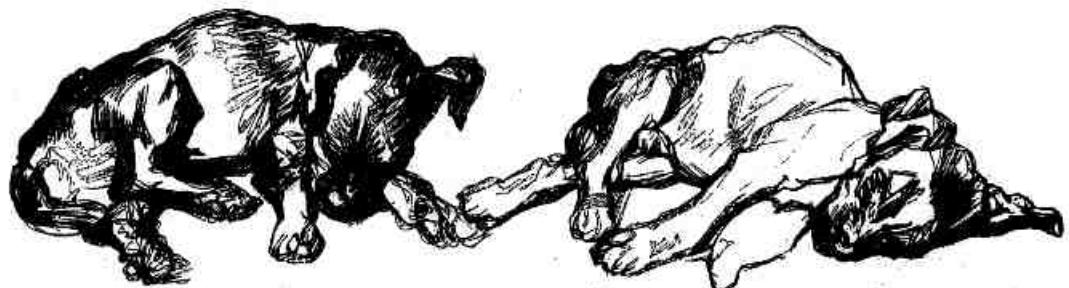
Côelho inoculado (quartos-trazelos paralysados).



Morre amanhã !



Cão preparado para a inoculação.



Scena final.

Para lhes dar uma ideia do gênero d'estes sonetos, aqui vai a tradução felicissima que deram d'elles. Não se assustem, fize o cuidado de escolher o mais manso:

ANALYSE

O Prantos, em que vão diluir-se os rancores
Assim como se funde e desderrete em chuva
Um cou negro e fatal como um crepe de viuva!
O Prantos, o mais suave e doce dos licores,
Quando um belíssimo sorris em lábios seductores,
Como o sol quando põe a tempestade em fuga
Do prisma haue o explendor nas nuvens que elle
[enxuga]

Prantos, astros de luz que tombas sobre as dôres
Como o relento cas sobre as coroas mortas!

Vauquelin e Fourcroy acharam nas retoirtis
Toda a composição do vosso fluido ideal.

Aqui está o que os dois vieram a descobrir:
Áqua, sal, soda, muco e phosphato de cal.
Prantos, perolas d'alma!... Ora deixem-me rir!

Saltemos ainda por cima da coleção de poesias intitulada *Carnaval*. Parecem — se o não são — as locubrações d'um estudante de rhetorica, em prurido de materialismo feroz. Tudo isto ate aqui é mediocre, mesmo na forma, pueril, grosseiro. De vez em quando um palavrão de taberna vem espalhar-se no meio do verso como um sapo, Abram agora os olhos e leiam-me o que se segue — A Suplício d'estrelas, a Oração do ateu, o Judeu Errante, a Morte dos Deuses, a Canção do Sangue!... E digam-me se não sentem um calafrio na espinha.

A Morte dos Deuses sobretudo d'um vigor phenomenal. Ha dias um critico, referindo-se sem duvida a este poema, dizia que por vezes pensara em Dantes ao ler Richépin. Aquillo vem sobre-nós como uma tromba marinha, rodopiando, silvando, irresistivelmente. É um turbilhão de gritos, de implicações, de uivos de luxuria, de gemidos de agonia, de gargalhadas infernaes; turbilhão multiforme, feito de sangue, de ódio, de treva em que de espaço a espaço uma fenda se rasga, por onde escorre o azul do céu. Nunca o verso humano foi brandido por mão mais alucinada e mais furiosa. É o íate de uma fúria; é uma cauda de serpente damnada, que nos fustiga o rosto e que nos deixa arquejantes, estupefactos, sem respiração.

A mão d'obra é sobretudo o que mais admiração inspira. Ao pé das rianas de Richépin, Rothschild é um pobrezinho. Enfousés, Banville e os parnasianos! Todas as formas do verso, todas as formas da estrofe são igualmente amadas, acariciadas, brutalizadas por elle. É um amante de mau gênio, que beija e espanta ao mesmo tempo a sua mussa. E por isso talvez que elle lhe obedece tão amorosamente e que se lhe entrega d'uma forma tão doida, deixando-se calcar aos pés, acariciar brutalmente, erguendo sempre para elle os seus doces olhos de escrava. De vez em quando faz d'el ver um martyrio assim, sobrendendo quanto o furor o embreda e a injuria lhe borbulha dos lábios em espuma de obscenidades. Pouah!...

Os versos finais, os últimos ídolos e os velhos astros, conservam sempre o leitor enlaçado, sem o deixar esfriar um momento sequer. Sabem com quem este diabo tem grandes pontos de contacto? Com o nosso Guerreiro Junqueiro! E a mesma verna insolente, o mesmo riso *gouailleur*, a mesma exuberância de phantasia, a mesma sensualidade na forma. A ironia de Junqueiro tem

pontos mais facetas do que a d'ele, e as feridas que ella faz não se fecham tão facilmente porque os seus lábios não unem; depois o artista que escreveu a *Morte de Jó* tem sobre o outro a grande superioridade de nunca se deixar embalar e de conservar mesmo nos seus arrebatamentos um sangue-frio de gentilhomem que lhe permite medir o abysmo e tomar o pulso a vertigem. E o que não sucede a Richépin que toma o freio nos dentes como um *par sang* fustigado, e que de vez em quando se espolinha no chão sem cuidar de saber se é de relva ou de lama.

Quanto ás suas pretensões de iconoclasta e de fustigador de deuses, perdoemos-lhe as em atenção à sua boa fé, tanto mais que elle tomou o seu papel a sério, e até accommodou o seu physico no personagem. Não reparam n'aquelle perfil diabolico, n'aquelle nariz aduncio, n'aquelle lábio arreganhado e n'aquelle olho de Encelado que quer escalar o céu?

JAYME DE SEQUIER.

Ver no 8º numero a copia da « Partida de Xadrez », um dos quadros mais célebres do grande pintor Meissonier de quem hoje damos o retrato.

A KERMESSE

Dizem que deliciado pelo caloroso sucesso do satan a beneficio dos albergues nocturnos, o rei Luiz exclamara — nehum festa em Lisboa, por concorrida e bem paga que seja, poderá lançar nos cofres de beneficencia mais que meia duzia de contos. Porem a rainha, confiada na adoração em que é tida, foi ao ponto de duplicar valiosamente a quantia. E porque lhe não soffresse a vivacidade italiana o demorar-se n'esta tão simples afirmativa, a princesa ia triplicando, que sei eu? quadruplicando a cifra que o rei tinha lançado em palestra. — Que? dizia o monarca n'aquelle seu riso incredulo. Alcançar por uma festa vinte e quatro contos, gentejados moeda a moeda das algeiras burguezas?... Em Lisboa... n'uma cidade onde os capitalistas são empregados públicos e os nobres fazem visitas em carros Riquetti? Deus me perde, mas V. Magestade vai crearsse embacados que não cuida.

Mas uma confiança purpurejaya o risco da rainha: e logo ali foi planeada a kermesse, por fôrma a aproveitar todos os esforços, aceitar todas as collaborações, e fazer luzir á luz todas as pompas. — Demos-lhe um carácter campestre. N'um paiz onde a agricultura é suprema riqueza, como dispensar os elementos decorativos das arvores e das flores? E espalhavam-se programas ridentissimos. Seria uma reassunção das pastorais refinadas do século XVII. Senhoras da corte vendiam queijos sob o colmo lavilhoso das arribanas formadas a setim eor de céu — vestidas de camponezas, como nos leques d'Alberte Abraham Brosse: e ouvir-se-lheia o ring-ring das fontes de leite, correndo sobre lagosinhos de fayans das Galdas, entre tufo de luzerna e madressilva. E toda feliz da trouvaille, a rainha batia as suas maozitas diaphanas. Todavia el rei ouviu certas restrições, n'um meio humor de burgomestre alemão. Em verdade, ia elle preguntando: Lisboa não comprehenderia festa tão exclusivamente campestre, reconstruindo talvez sobre velhas estampas, por trabalhos subtils d'erudition — e que assim planeada diversidade de preferencia as altas classes pelo que viesse a ter d'imprevisto, não a turba alfacinha, educada no espectáculo da feira das Amoreiras, dos Domingos nas hortas, e

das cauetas dos senhores Fonseca e Campeão.

Necessario, diaia elle com o seu pratico inuito, que o certamen participe de tudo isto, senhora — a loteria, a barraca das queijadas, a venda de cavallinhos de pau, o retro à sombra do parcerial n'um desvão d'estradá fora de portas — afim que a grande turba de povo acorra em massa a esmolhar os passinhos implumes que vem dormir sob a vossa azu, enquanto as mães gastam as forças na labuta da officina. Depois lhe aggiunharia episodios mais finos, onde os delicados palpem por seu turno, a certeza de que não foram esquecidos...

*

Não me lembro se lhes disse que a festa reverteu em proveito das crôches, partindo a iniciativa da rainha. Dois meses que os jornacs commentavam o programma, annotando-o, dizendo o numero dos bazaros, dando listas dos objectos oferecidos, ou descrevendo os pavilhões e kiosques a construir. A kermesse la terra na Tapada, vasto recinto talhado em parque com taboleiros de relva, todo em bosques de nespereira, araucarias, pinheiros e grandes fetos; cheia d'structurens bizarras, tendo no alto os pavilhões da Exposição Agricola, e descendo em amphitheatre contra o rio, que d'aquelle altura, bem sabem, deixa mirar a mais luminosa aguarela, e a mais profunda perspectiva. Vinte dias antes, quando a Exposição foi aberta, já todo o mundo fallava da kermesse n'uma enciedade: e estranhas notícias começaram a circular. Segundo parece, os brindes choviam de todo a banda n'uma estonteadora profusão de riquezas — taças de Sèvres montadas em prata, jarrões chineses vermiculados d'ouro, estatuetas, fayancas, aguarellas, bordados, livros, desenhos, bombos, velhos vinhos generosos — d'um Porto antidiüriano ou quazi, que não está bem averiguado se já fizera cambalear Noé. Todo o mundo entrou a impôr-se como dever, o enviar sua bugiganga à festa da rainha; e foi uma fúria de presentes e bizarrias! Simples hortaliçeiros do mercado, mandaram cebolas de fruta. Operarios vieram trazer um ou dois dias de trabalho gratuito. Fabricas e lojas davam dos seus produtos — e choveram loijas, chites, presuntos e côtes de calças. Já o numero das ofertas excedia todas as esperanças, e ainda mal tinham começado as remessas. Que de micabolantes phantasias fermentou a caridade n'esses moltos lisboetas, ardendo em santas vehemencias de fazer bem! Sim! perdoemos-lhes as pinturas a óleo. Os estupefacentes bordados sobre almofadas e stores. Cestinhos de conchas com preses de cera. Canários empalhados. Anjos de caridade em mísio de figueira. E uma infinita copia d'elegias e sonetos, onde a viva intenção de prestar culto á princesa, mal deixava esquecer os encarquilhamentos do estro e os joaneites da forma tormentada e deprimente. Autores incomprehendidos, desempostaaram as suas edições intactas, todas as escolas, estylos e processos, e arrojando por centenas os volumes, pediam voga á caridade. Uma família d'Aveiro perpetuou não sei que vasto jornal com verso e proza de todos os seus membros, sem exceção d'edades, vocações ou sexos — e aquillo chega furibundamente pelos caminhos de ferro, com setecentos demonios! bufando rimas epilepticas. E enquanto Canetas despachava em grande velocidade a sua heróica fanfarra, um maestro Babu sacou dos centros inventivos uma tres-vairadissima polka de fazer hydrospismos nos ventres dos bombos, e provocar delirium tremens nos pratos dos clarinetes.

*

Isto porém são as faces chocarrinas de todas as boas ações espontâneamente brotadas do coração popular, incorrectas nas vehemencias do seu jacto e sempre d'antemão combinada no

espelho. O que resulta é uma sinceridade vibratil da alma collectiva, uma finura rara d'intenção; e tanta bondade de carácter na raça, que por trez dius me chegou a parecer commovente este retalho de sentimento que nascemos! Ao simples gesto d'uma inerme e pallida senhora, que em pouco e pouco, n'uma discrição apparente despirito, para si foi tornando o papel mais sympathico da coroa; e que assim idealmente franzina, silenciosa, quasi triste, vencendo a rigidez da pragmatika, soube tocar com uma intelligence lucida e profunda, o lado emocional da turba; ao simples gesto da sua mão extangue e luminosa, vemos as corporações sucumidirem o egoísmo dos dias ordinarios, a imprensa incendiar a curiosidade geral, a cidade ir-se preocupando, e acorrer ao chamamento do príncipe que pede esmola em nome das creancinhas que ainda nem falam e já temem fome. Eis o commersio desviando o olhar dos militares que se entrecoccam, para orvalhar com gotas de ouro a simples rota-chá que ella lhe encorava na lapela: as senhoras da alta vida, desacolchetando dos homens a fria correção desdenhosa que o povo lhes advinha através o cristal dos landaus, e viando colher das dadivas, construir barracas e guarnecer os balões de venda. E opulentos que fazem generosidade a cheques de quinhentas libras. Vaidosos que buscam a evidencia na esmola. Usurarios que avançam dez libras sobre um astor, sonhando para mais tarde os lucros d'um fornecimento. Logistas que aproveitam a occasião de se afixarem. Simples bons homens que querem ser commendadores. Commendadores que farejam grã-cruzes. Capitalistas inquietos que perguntam a cada golpe de bizarria — e para quando a minha carta de nobreza?... Graciosas senhoras que acham dentro do pagel de demoiselles de magasin um ponto de vista novo para o ideal da graça feminina. Meninas que poem os seus primeiros vestidos de senhoras e debatum na vida como joyens toutinegras, assustadiças, ainda salientes, ruborizadas por qualquer palavra, baixando os olhos num titubamento, mas tendo já o arsenal de seducao instintiva da mais experimentada mundana. Os mesmos dandies, hein?... se galvanisam em homens validos, que abandonam ao apelo da bôa fada as humbreiras das tabacarias e a atmosphera morrona dos clubs: e chamados à vida útil, a sua actividade não consegue a fadiga, nem a sua bolsa é capaz de recusas. E entao que o programma da festa se amplia até para além das mais pictóricas invocações, e que no vortilhão dos oferecimentos e donativos, começam a organizar-se lucidamente os numeros do pictoresco certamen.

*

Neste ponto se me atingiu palhaço a tinta com que escrevo, tamanha luz radia no desenho que Raphael Bordallo faz hoje na *Ilustração* — alguma coisa com a graça aerea de Scott, o galante humorismo d'Adrien Marie e a mobillarda nervosa de Courtois. Elle descreverá por mim o panorama da kermesse, kiosques, tendas, pavilhões, angulos de balcão, torcetas, cociúrtos, pomboas — este doce perfume de magnolia, que se debruça, avançando o bec por sob uma ogiva de plumas escarlates — lá, um jarro d'onde repartiam as grandes palmas do livingstonia, numa decoração quasi arquitectural — e panoplias, umbellas, grupos — as montanhas fronteiras a reflectir-se no rio, do outro lado, baixas e monotonas — barcos que passam n'un fundo amoroço d'água verdes — aldeias a sepis, estumagadas no longo — e ao cimo, graciosamente cortadas n'un céu de lapis-lazuli, as trez tulipas d'ardozia da Exposição Agricola. Não se imagina o encanto d'estes ligeiros bazares irregularmente espalhados n'un campo de trigo, entre soberas de hera e macissos de flores — mil feitiços, mil mosaicos, mil ornamaentos caprichosos — cobertos de premios em aparações de velludo, servidos por toilettes do

estilo mais puro, e illuminados a sozinhas do mais fresco escarlata. Lisboa, terra classicica de mulheres feias, no dizer de viajantes, repelle hoje aquella reputação de mau sestro por não sei qual evolução refinada, vingando-se em possuir o que a mais ideal formosura aos vivre annos pode archivar de capivante e divino. Desapareceu ha muito dos salões o tipo de Venus barbuda, Venus porto espírito, que esparzior os officiaes da marinheira inglesa nos bailes do senhor regente. Uma raça de brancas mulhers flexíveis e altas, cabelllos castanhos e boecas em flexa, beleza mais intellegual do que physica, fundada na scientia hysterica dos olhos, na exquisição das mãos, nas fragilidades da cinta, passam hoje os asfaltos da nossa bella cidade, enche os salões de concerto, faz os *five o'clock tea*, aplaudite nos theatros, revolto por essas prias e estações d'água — com pez quasi espirituoso, dolentius d'espadugas, e nuas de ouro em que parece anicharem-se colibris de beijos. Beltoza sem amplifício, convenio, sem traços salientes, d'acordo, sem unidade, sem architectura; beleza fruste, flor d'um dia, fundida nos carnes, e que uma vez fanada, como não tem transição, resvala nas pelas de gallinha d'uma velhice precoce.

Mas em compensação, a sua adolescência é o que o mundo tem de mais encantador, de mais elastico, de mais destro; gellas ah! vão por bandos e revoadas, as bellas Diana e Leda, adeante das mamás, braços dados, rindo e pipinando nos peristilos dos theatros, cingindo ao busto os forros das suas sorties de bal, recompondo sobre as testas cabellitos rebeldes, larguindo os rapazes com ares de duquezinhos à Brantome, e na intime delicio da sua adoravel frivolidade. Lá estavam outro dia todas na kermesse, essas galantarias vivas de deserto annos, algumas ainda elancadas n'uma especie de hesitação de sexo, ressumbrando virginaldades já provocantes, e teado nas iris raiadas a custinho e fulvo, alguma coisa da astúcia ingenua das gatinhas hubentes. E a extravagancia dos vestidos, o péle-mêle das cores, a fanfarrome postura dos chapuz aliossimos de copa, aba curta, e molhos de plumas mirabolantes!... E invadiam o recinto das barracas, comprando sortes, coxiando por traz das venturolos abertos, perdidas n'um vontilhão de quarenta mil pessoas. Lisboa pasmava de tanta parapra formosa. Mas d'onde vem elas? Residem acaso ne cidade? Transfigurou-as a boa intenção de terem vindo à festa? Muitas, as mais altas de nascimento e de nome, vendiam nas barracas, sob velatos de riscas, em trajes de phantasia. M'l'Carolina Burney, filha do já celebre argentario, que escrevora um volumoso de historias a beneficio das creanças, vendia venturolos e bugigangas, reproduzindo em costume a mais deliciosa chinezia que um miniaturista de genio esmalte no bojo d'uma potiche dos Ming. Outra jovem senhora da família, em costume de hspaniola, era encarregada dos tabacos e chocolates. M'l' Senpa e Delpiano estavam de lavradeiras minhotas. As pequenas Anjos em paysanas suissas, vendiam queijos e manteiga fresca. Burneys de todos os tamanhos e cores de cabelllos, vendiam laranjas, bolos, sortes, quinquinharias — os pequenos Jardins tinham jornaes... E d'aqui para deante, meus amigos, impossivel coordenar impressões e notas. O espirito fatiga-se dizendo por minucias as viscondezzas e galantes baronezas, todas as senhoras de nome historico ou proverbial formosura, que tinham vindo por a sua actividade de na obra evangelisadora da rainha Maria Pia. Ah, meus senhores! O que elles desenvolveram n'este concurso de talento scénico, graça artificiosa, espirito e adoravel *calimento*, e por si só um poema de sagacidade e ruse feminina. Voltando os olhos sobre as letras, gostaria de especificar no *charivari* de publicações, dois ou tres jornaes de boa societade — a *Lisboa-Creche* por Corazzi, com desenhos — a *Italia*, ricamente ilustrada por Raphael Bordallo — A *Precce*, da condessa d'Almedina... A kermesse rende trinta contos; mais talvez. Successo unico

em Portugal! Isso lindu! A palestra d'el-rei que originaria festa semelhante, um columburista

— Em coisas de caridade, o rei já não quer meças coa rainha.

Uf! prendam-me já esse mariola.

Fialho d'Almada.

BIBLIOGRAPHIA

Esta occasião da Kermesse promovida por **V. L. S. M. P.** seu Magestade e srº D. Maria Pia, varias pessoas tiveram a idéia, a exemplo do que se faz no estrangeiro, especialmente em Paris, de fazer publicações especiais cujo producto reverteisse também em favor das creches.

Algumas dessas publicações chegaram a Paris e redigido na *Illustration* com dedicatórias extremamente amáveis de seus autores e editores, o que nos deixou perceber que o nosso jornal tem adquirido em poucos dias as maiores sympathies em todas as classes da sociedade portuguesa.

Em todas quantas temos recebido o mais que nos surpreende é a beleza das impressões, impressões que podem rivalizar com as melhores que se fazem em França, em Inglaterra e na Alemanha, impressões de primeira ordem e a que só em Paris, comparando com os trabalhos que saem das casas celebres onde ha todos os aperfeiçoamentos recentes na litographia e na typographia, se pode dar o justo valor. Os artistas portugueses tem sido e há-de ser sempre dignos concorrentes dos artistas estrangeiros.

O nosso activo agente em Portugal, sr. David Corazzi, publicou um jornal *Lisboa-Creche*, jornal que ofereceu a Sen Magestade, e que é uma verdadeira maravilha como execução artística, quer na impressão typographica quer na impressão lithographica, sendo cosdujado n'esta empreza pelo notável artista Bordallo Pinheiro e pelo lithographor Guedes, de cujas oficinas estão saíndo trabalhos egualis a tudo quanto se faz de bom na Alemanha e na Hollandia.

O sr. dr. Luiz Jardim publicou também um jornal *Italia*, onde reuniu algumas das suas curiosas impressões de viagem pelo paiz do Dante, e devemos confessar que a oferta é dum homem de muito gosto e d'um homem finemente ilustrado. Quando dar maior encanto ás paginas do seu jornal, chameu em seu auxilio um ilustre colaborador artístico — Raphael Bordallo Pinheiro — e não se imagina o quanto foi feliz o lapis que desenhou paginas tão belas e tão soberbas sendo a execução lithographica confiada ao sr. Guedes e a execução typographica ao sr. Christevão, de cuja officina tem saído as mais esmeradas publicações. A execução artística da *Italia* honra a corporação dos typographers e lithographers portugueses, e a idéia e a offerta do sr. Luiz Jardim são dignas do maior elogio.

Foi tambem da officina typographica do sr. Christovão que saiu o soneto de nosso brillante collaborador Luiz Guimarães, soneto que nós damos em outro lugar d'esta folha.

Tambem apareceu um outro jornal *A Precce*, publicado sob a direcção da srª condessa d'Almedina, sem a menor collaboração artística e apenas colaborado litterariamente.

E francamente, desde o momento que fazemos a critica e não a elogio de todos estes trabalhos, devemos dizer que a parte litteraria tanto da *Lisboa-Creche* como da *Precce* deixa muito a desejar, e que não vale a pena que typographers tão distintos como são os typographers portugueses se cansem em soberbas edições — quando aptas e ótima são tão maus e tão medíocres. A parte litteraria ou uma duzia de nomes respeitáveis que ruborem limbos d'uma grande beleza e d'uma grande simplicidade, que ilustram de plenitude beiras de versos doces, de pensamentos de José Proença, querendo ter a philosophia de Rousseau.

Enfim, como a obra era de certidão que um pouco perdava as qualidades. Mas a colmata

de fato pedia ter sido muito maior. Havia um meio simples de fazer duplicar a receita. Obligar o autor de cada artigo ou verso enfatizado e pretenção que tivesse saído nos jornais — a pagar uma milha de cinco reis por cada letra.

Quanto se poderia apurar?

Talvez cinqüenta contos... e fórmulas!

Figaro.

Nesta seção bibliográfica falar-se-há de todas as obras recentemente publicadas, quando se tenha mandado um exemplar para o scriptorio da Ilustração, 6, rue de Saint-Petersburg, Paris.

Nestes últimos dias temos recebido de Portugal numerosas cartas de pessoas que nos pedem para serem correspondentes da ILUSTRACAO em diversas localidades do país.

Não podendo responder a cada uma dessas pessoas em particular, pravem-nos por este meio de que para todos os assuntos de assinaturas e venda avulsa da ILUSTRACAO se devem dirigir ao nosso agente geral em Lisboa, sr. David Corazzi, rua da Atalaya, 42.

THEATROS

Tem ci a enquadra!

Quando este grito atrevesse a Baixa e a praça da Figueira, hou um verdadeiro abalo no seio das famílias! Pois papai palpita com astúcia, as puxaram assim com acaia.

Quando o nosso patrão, que muitas vezes não é inferior ao georgico phisiique, comece a desembrulhar a sua linguística, e a accordar os oculos adormecidos das nossas tranquillas ruas, com o seu costumeiro e original « Oh yes! » as mamãs desmaiaram e os papás perdem a cor.

Pelores, do que as espadas de fogu ou as cordas de sangue que rasgam as nuvens com a preponderância orgulhosa de soberbos pregaos que conhecem bem o seu logar no animo tocando dos mortaes que os respeitam, essa doxa grida terrível que cortam a cidade rasgando o tympano dos seus pacatos moradores; acorram mais fortes, intimidam os mais corajosos.

Dizer em 1884 a um chefe de família, ou a uma dona de casa :

— Cheiram os ingleses, produz resultado perfeitíssimamente igual ao sumo que acarretava em 1807 dizer :

— Chegaram os franceses.

Um e outros indicam a devastação, o saque, o roubo. As causas são diversas, os efeitos são os mesmos. Os soldados de Napoleão invadiram Portugal, saqueavam-lhe as aldeias e violavam-lhe os conventos roubando-lhe as filhas de Deus ou que elas tinham de mais valioso — a sua virgindade; os soldados da rainha Victoria, exaumaram-nos Lisboa, expogam-nos os mercados, e roubam as mães de família ou que elas possuem de mais caro — os economias para os seus alfinetes.

Avisem a chegada de mein duzia de navios reflectos

de soldadosack encanadaria o verle immediatamente encocar a pão e o vinho, exceptuando a carne e as mortadelas, tornar-lhe « Hättengiv! » os ovos, as fructas e o peixe e entretanto as homens Angrez da nossinha continuação com a sua imperturbável serenidade e com o seu riso typico tragendo e guardando o que é bom para o ingles e expondo nos seus tabuleiros verdes a farinha verde e o ovo gerado que o alfaicinha hi comento pelo dobro do seu, conformandose, com ar de tolo, em responder à caia metade que lhe mostrava as unhas!

Não ha remedio! Estão cá os ingleses. Pacencia, masima, e auras e cari alegre. Em todo o caso, deixar-dizer, isto sempre traz alguma economia. Compra a gente um ovo e come um pintinhos!

Em Paris quando chega o verão ha os mesmos efeitos, não nos mercados, nos teatros e o mesmo grito não nas ruas, nos cartazes modificado d'esta forma, se mesmo tempo mais vasta e mais laconico:

— Chegam os estrangeiros...

Isto quer dizer que teremos continuas e estafadas repousos e só uns os ouvirá peço nova — podre — e que do ordinario o publico não accorre por desconfiar já do que lhe querem... oferecer.

Neste ponto, concordemos francamente que nós por si somos muito menos espertos.

Ha, todavia, um erro em ambos os sistemas. O Portuguez, bon pessoa, come tudo que lhe dão, o Francez, desconfiado, perde muita coisa boa.

Foi o que succedeu agora!

Eu lhes conto □

Os theatros, oficialmente, estão todos fechados. Ha entretanto uns que fecham ato á epóxida futura outros uns dia mais ou menos remoto em que apresentam peças ás vistas, por preços mal caros, ou baratos, ao gozo do empereiro, alcunhando essa época intercalaria de « saison forte! »

Rede para curiosos! D'aqui, ninguém cae em ir mais sarar e torrar-se.

Or é este o tempo — tempo que corre de 15 de maio a 15 de setembro — que os directores de theatro acham o momento psicologico para dar á luz alguma obra em que não teme confiança bastante ou algum auctor cujo nome ainda não ressoou no sonoro pavilhão da tuba da Fama. Aproveitam então o começo das villeggiaturas, em que Paris está esfalfado das terças-feiras do Teatro Français e das severidades de Suryey para representarem a peça que elles julgam de contrabando.

D'esta vez, a afiançage, quer tem por sede o galinete dos directores, deixam passar, não sem algum custo, Alexandre Bisson e o seu Deputé de Beaumagis.

Bisson é o auctor, nosso conterrâneo, da Voyage d'agrement da Rue Pigalle 115, traduzidas para os nossos theatros. Não é, como veem, um contrabandista vulgar. Não tinha porém entrado ainda no emprego dos Molieres, dos Scribes e dos Labiches pela porta do Cowellé e ali é que entava a dificuldade: e tanto maior que este theatro abria, também, para a primeira vez, a porta a um jingle que lhe trazia uma comedie de parguilhada.

Era para um perfeito arrazo! Não porque Bisson seja um jeito, como lhe dá por Lisboa os comprehendemos, em pleno gozo dos seus 10 a 25 annos, mas porque é um Jeito à francesa, dos seus 30 a 45. Um aciso — provincial decente — lhe valeu então esse: aciso foi a redação. Deusa potente que de Paris fui a toda a gente do Norte para o Sul e lhe chamei: para lá a curiosidade e do Sul para o Norte, se lhe acenarem d'este lado oposto.

Esta redação cuja larga historia formaria um volume e cujos commentarios propositurais seia, motivou questões, cartas, intrigas, insidias, invejas, e diabo, tudo que em Lisboa só poderia em circunstancia idênticas (porque Lisboa só seu pequeno meio é mais feril de que Paris em casos destes) tudo... mas sem bordoadas.

Pois a ideia da poca embora igual à do Marido no Campo não é má e o desenvolvimento é muito aceitável, e,

verdade verdado tem havido menos guerra a coisa muito

Entretanto porque que os criticos accusam em Bisson um symptoma da paixão fertilizada dos autores franceses, estes occupam-se prima disputa a que, sem grande erro padissemos chamar:

O Jogo Imitatório do Padre Cura

Não ha malo ninda que Sardou n'un volumine, em que mostra que a qualidate do eminente dramaturgo junta tambem a de habrá o original produtor, nos provou que nunca tinha plagiado auctor algum para a copia das suas obras e já hoje novas accusações de plágio atroem! Padre arressandado no seu estripto os nomes mais festejados da literatura francesa!

O um verdadeiro jogo de empurra.

Dizia Sardou :

— Mente Martin Uchard, eu nunca roubei Odette, quem e fez sei elle.

— Sardou, eu que tinha escrito a minha Flaminha ha tanto tempo? Mentes tu, quem copiou foste tu.

— Pois mentem ambos, berram de Molière, ha muito que Giacometti tinha feito a sua Colpa vindica la colpa e a Flaminha e a Odette são ambas tiradas de lá.

— Ah, sim, continua Sardou. Isso é mentire! Pois decaí! — Se plagié homare-me muito com isso, Tenho muito bona collega, olhem: desde Sophocles a Victor Hugo não escondendo Molière e Shakespeare e Racine e Dumas e Augier e Feydeau.

— Não, lá essa agora, oh Sardou! Fez favor. Quem mentem é tu, diz Feydeau — eu roubei furtel, quem me furto, foi o Ohnet.

— Mente o sr. Feydeau, o meu Maitre de Forges estava na impresso enquantos o dell' jazzia ainda na gaveta. Queria fazer-me mal porque em seu debutante, quem rouba foi Corneille a Molière e Lafontaine.

— Perdão, perdo, eu não sou do jogo mas o sr. mente, meu caro Ohnet — diz o Gil Blas — Lafontaine nunca roubar; isso lá, temha paciencia! Se o sr. quer um poeta que roube abri tem o Richelieu com as suas Baphus. Esse, sim, senhor.

— Eu! Montre, mentira. Mentei sem vergonha alguma. Não no copiei. Quando o fez sempre foi Molière e os srs. admiran'te, quem o faz é Hugo eos srs. respeitando! Quem rouba são elles, baudo de piratas e sono eu.

Julgaram-as prendas e a berlinda fica vacia para o auctor do principio original a apparecer. Entretanto, como em S. Vicente, enquantos não ha rei falecido que tome o alvará do meio continuo o ultimo a apoderer a illa! Ohnet, com 360 representações no theatro e um milhão de directos na algebrica e quem continua na berlinda. Bom chama elle por um substituto e tem grata que só o dinheiro, que só o dinheiro que tem tem que o faz detestado — nada lhe vale.

Continuo esta contenda que entretanto todos os jornais, todos os theatros, todos os ateliers e todos os Clubs nadem tem de calamidade universal, nem de proximamente nem de amanhã como os jornaes de Lisbon querem fazer pensar!

Não, Deus nos livre!

Uma cousa entretanto: não quer esquecer de tal jogatina santo em que agorá se entrelaçam os escritórios da França: o empenho geral em atirar como pedra o nome do defunto Molière!

Estão cansados de o aplaudir ou serão apenas ravinhas concentradas?

Não sei! — que sei, é que, eu (e provavelmente mais pessoas) jorguei a coliga não se fez só para minh'posso usar coleccao das obras do grande poeta onde elle não contine as peças que imitou com as que são originais!

Sera pouca vergonha do editor?

A quinzena deu-nos também as primeiras de Les Champs e no Menus-Plaisirs e Tout-en-plaisir no Déjanté mas d'essa duas peças direi eu como Sarcey diz da segunda:

De minimis non curat precepto. □ J. J. Miranda

A ILLUSTRAÇÃO

REVISTA QUINZENAL PARA PORTUGAL E BRAZIL

DIRECTOR : MARIANO PINA

AGENTE NO BRASIL

CAZETAS DE NOTÍCIAS. — Rua do Ouvidor, 70. — RIO DE JANEIRO

AGENTE EM PORTUGAL

DAVID CORAZZI. — Rua da Atalaya, 42. — LISBOA

AVISO DA ADMINISTRAÇÃO

Pedimos a todos os nossos leitores de Paris que desejem receber regularmente a ILUSTRACAO a especial fineza de enviar os seus nomes e horadas ao scriptorio do nosso jornal, 6, rue de Saint-Petersburg.

O preço da assinatura em Paris é de 12 francos por semestre ou serie de 12 numeros, e de 24 francos por anno, ou serie de 24 numeros. O preço da assinatura no resto da Europa (excepto Portugal) é de 14 francos por semestre e de 28 francos por anno.

AS ASSINATURAS SÃO PAGAS ADIANTADAMENTE